

Maria Helena Motta Paes e a Vanguarda Artística Campineira

Introdução

O objetivo dessa pesquisa é discorrer sobre a vida da artista campineira Maria Helena Motta Paes, fundadora e única mulher do Grupo Vanguarda, definindo a importância da sua produção dentro desse grupo e de sua atuação no incentivo de novos artistas, no contexto de Campinas dos anos 50 até o final dos anos 70, através do Grupo Hoje e da sua atuação na galeria do Centro de Ciências, Letras e Artes.

O Grupo Vanguarda foi fundado em 1958. Entre seus criadores estão Mário Bueno, Raul Porto, Franco Sacchi, Geraldo Jürgensen, Enéas Dedecca, Thomaz Perina, Geraldo de Souza, Francisco Biojone e a própria Maria Helena Motta Paes. Estes artistas se juntaram em torno da ideia de difundir a arte moderna em Campinas, ainda dominada pelo gosto e pelos salões de arte acadêmica. Nessa época, a cidade de Campinas passava por um rápido desenvolvimento no plano econômico e urbano, mas o campo cultural ainda enfrentava dificuldades na aceitação de mudanças e de acompanhar o desenvolvimento do modernismo brasileiro.

Os integrantes do grupo seguiam linhas distintas de trabalho, mas tinham o mesmo objetivo: a pintura como experimentação. Em geral, as obras eram abstratas, mas variavam desde pinturas com características concretistas até o abstracionismo informal. Motta Paes aparece aqui pesquisando o espaço através de cor e planos em suas pinturas que remetem a paisagens, por vezes enfatizando os elementos geométricos e em outros momentos dissolvendo as formas até que perdessem seus limites precisos.

Motta Paes fundou o Grupo Hoje em 1961, como forma de continuar a implantação da arte contemporânea na cidade, focada principalmente na geração que se formava depois do Grupo Vanguarda, organizando exposições e orientando jovens artistas. Segundo ela: “assistir a criação de um artista era uma coisa fundamental, tão importante quanto a Arte em si”¹.

Maria Helena Motta Paes e o Grupo Vanguarda

Maria Helena de Oliveira Motta Paes nasceu em 1937, no Rio de Janeiro, mas muda-se ainda pequena para Campinas, em 1940. Aos 19 anos, começa a ter contato com o meio artístico da cidade e se torna aluna de Thomaz Perina na Escola de Desenho e Pintura Prof. Olavo Sampaio, onde mais tarde também seria professora. Thomaz Perina começava a pesquisar novas soluções plásticas para suas pinturas depois de visitar a I Bienal Internacional de São Paulo,

¹ Sílvia Basilio de Matos, Ensino de Artes Plásticas em Campinas. Campinas, 1988.

onde pôde ver obras de grandes artistas modernos. Assim, Perina parte de uma vertente acadêmica e começa a sintetizar os elementos de suas paisagens (árvores, estradas) transformando-os em formas geométricas. Com a mudança de seu trabalho, começa a influenciar seus alunos, apoiando a busca por técnicas diferentes e ensinando sem impor regras, livre de um academicismo mais rígido. Essa busca por novas soluções o faria se juntar a outros artistas, formando o Grupo Vanguarda em 1958. Motta Paes também foi uma das fundadoras e uma participante ativa do grupo, com o qual praticamente iniciou sua vida artística. Suas primeiras pinturas são figurativas, como a Fig. 1, de 1956. Aqui, ela constrói a imagem através das massas de cor que dão forma e profundidade ao espaço, através de sua gradação e dissolução. A figura se diferencia claramente do fundo e algumas linhas escuras ajudam a fazer essa demarcação, mas, apesar desses elementos, essa distinção é feita através da própria execução da pintura e não através do desenho.



(Fig. 1) Maria Helena Motta Paes
Obra sem título, 1956, Óleo sobre tela
Instituto Thomaz Perina

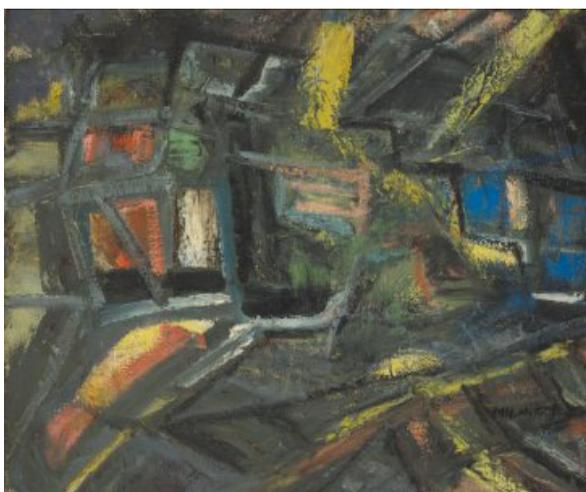
Maria Helena Motta Paes expõe suas pinturas pela primeira vez na 1ª Exposição de Arte Contemporânea de Campinas, realizado em 1957 no saguão do Teatro Municipal de Campinas. No início, ela e os outros integrantes do Grupo Vanguarda se juntaram com o objetivo de organizar essa exposição para mostrar os

trabalhos que estavam sendo realizados por eles na época, mas em 1958 o grupo já estava consolidado e com o nome Grupo Vanguarda definido. No mesmo ano eles organizam a 2ª Exposição de Arte Contemporânea de Campinas, no Edifício Catedral. Nesta exposição, Motta Paes expõe seu quadro Paredes Rasgadas, do qual José de Castro Mendes faz uma crítica:

Artista cujas imagens pictóricas são mensagens de tristeza e das coisas esquecidas pela vida. No seu quadro Paredes Rasgadas vemos a procura de uma organização de manchas, que, no conjunto, podem expressar um estado de angústia do artista perante o drama da matéria em abandono.²

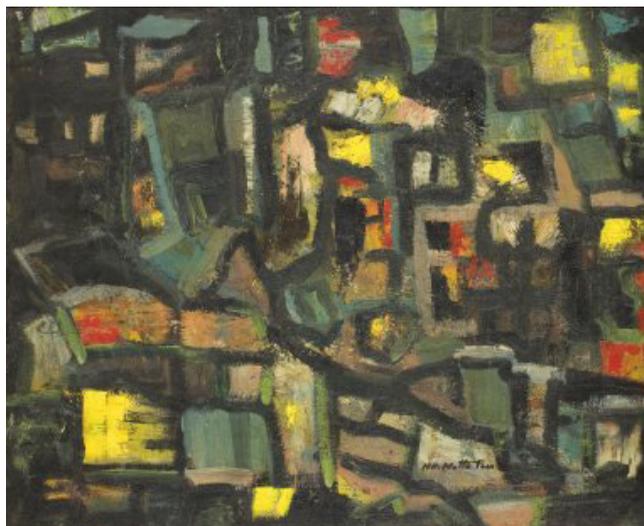
Não foi possível ter acesso a obra Paredes Rasgadas, porém há uma pintura da mesma época e com título semelhante: Paredes. Não se sabe se é a essa pintura que José de Castro Mendes se refere ou se são duas telas distintas. Analisando essa e uma terceira obra, feitas no mesmo ano, vemos que não há uma figura que possa ser reconhecida claramente. Aqui os planos e as linhas escuras dão a impressão de profundidade. Tanto Paredes quanto Perenidade lembram a vista de uma cidade, com casas ou outras construções, devido justamente a um tipo de organização que Castro Mendes identifica em sua crítica. Ao mesmo tempo, a simplificação da imagem através de manchas impede que se tenha certeza se houve algum referencial preciso e qual foi ele.

José de Castro indica ainda que as pinturas de Motta Paes expressam certo estado de angústia. No começo, suas pinturas serão muito mais associadas a alguma vertente expressionista ou ao abstracionismo informal do que ao concretismo, embora certas críticas apontem influências da arte concreta em obras posteriores, principalmente por causa de uma geometrização mais marcante.



(Fig. 2) Maria Helena Motta Paes
Paredes, 1958, Óleo sobre tela, 60x50cm
Coleção Família Motta Paes

² José de Castro Mendes, Correio Popular, 29/06/1958.



(Fig. 3) Maria Helena Motta Paes
Perenidade, 1958, Óleo sobre tela, 60x50cm

Ainda em 1958, ocorre a 3ª Exposição de Arte Contemporânea de Campinas e Alberto Amendola Heinzl, poeta que escreveu o manifesto do Grupo Vanguarda - publicado no jornal do Centro de Ciências, Letras e Artes -, escreve vários artigos sobre o grupo no Caderno Minarete do Correio Popular. Em uma crítica, Heinzl contrapõe o trabalho de Maria Helena ao de Edoardo Belgrado que, segundo ele, faz uma pintura com uma base mais racional e “parte do inorgânico para chegar ao orgânico”. Já os quadros de Motta Paes iriam para um lado oposto, com um caráter mais expressionista e simbólico, embora uma tendência concreta não deixasse de ser evidente em função da síntese das formas:

Maria Helena Motta Paes, de um certo modo, vem seguindo um caminho quase que totalmente oposto (ao de Edoardo Belgrado): a intenção, revelada nos títulos que dá aos seus trabalhos, de exprimir um determinado ‘estado de alma’, predizendo seu abstracionismo/expressionista teledirigido para o simbólico, de caráter confessadamente pessoal/individualista, não impede que, entre as telas apresentadas (1.nóvoa 2.incolas sonhadores 3.tumbal 4.cordas mudas), apareçam estruturas sugestivas de uma inegável tendência para o concreto embora a insistência da intenção: poemas herméticos, paisagem/acontecimento intensamente transfigurada através da névoa névoa persistente em sua visão das coisas. (...) por essas telas a experiência de m.h.m.p. – interpolação de cores e formas sem um ritmo pré-estabelecido (mas obtido no ato de pintar) tende, por força, para um despojamento, para uma síntese que, aos poucos, se anuncia.³

Em 1959, ela expõe suas pinturas Nóvoas em São Paulo com o Grupo Vanguarda na Galeria de Arte das Folhas. A organização dessa exposição teve o apoio de

3 Alberto Amendola Heinzl, Correio Popular, 03/09/1958.

Waldemar Cordeiro e Décio Pignatari, do grupo concretista de São Paulo e que mantinham contato com o Grupo Vanguarda. Na apresentação do catálogo da exposição, além de uma crítica geral, Waldemar Cordeiro faz uma pequena crítica sobre a obra de cada artista do grupo:

A pintura tátil está aqui representada por Maria Helena Motta Paes, cujos empastes e reboques, por força de um valor convencional ou por uma semiótica plástica, constituem sinal de comunicação de um sentimento dramático. O trágico como não-arte da arte, contradição do formal do informal, inconciliabilidade e antinomias que não deixam de expressar desespero autobiográfico ou de uma cultura.⁴

Cordeiro não associa em nenhum momento as pinturas de Motta Paes com alguma tendência concretista, que supõe um racionalismo mais destacado em sua execução e cujas características principais diferem muito do que ela produzia. Suas formas geométricas não eram rigorosamente precisas, sua gama de cores ia muito além do preto-branco e cores primárias. No catálogo, Cordeiro exalta a produção de todo o grupo, não como seguidores dos ideais concretistas, mas como um grupo independente, cujas obras se encaixavam com “a produção tão diversificada da arte contemporânea”. Aqui, a pintura de Motta Paes teria sua importância por procurar o novo na arte, por estar fora das ideias já existentes.

Maria Helena ainda tem sua primeira exposição individual na Galeria de Arte das Folhas no mesmo ano de 1959. Uma crítica na Folha de S. Paulo, escrita por José Geraldo Vieira, diz sobre ela:

A pintura de Maria Helena Motta Paes envereda para um transformalismo de paisagens e atmosferas de permanente expressão dramática, numa espécie de geografia de tensões ecológicas. Não lhe interessa a cor nem a gama e sim a infra-estrutura da matéria, como superfície em corte transversal dos três reinos naturais.⁵

Em 1961, por ocasião de uma nova exposição individual da artista na mesma Galeria das Folhas, Heinzl também escreve:

Seus trabalhos orientam-se para a clave plástica de pintura concreta, pois as linhas e as formações de geométricas não tem função de grafismo e muito menos de caligrafia: apenas definem áreas e volumes dentro de superfícies cromáticas. (...)

Talvez se empenhe muito conscientemente em solfejar duas disciplinas do concretismo: a cor absoluta e a trigonometria, desejosa de, nesse regime ascético, fugir a efeitos e sintaxes. Pois parece que as paisagens quase opacas que lhe servem de horizonte jamais são meridianas, estando

4 Waldemar Cordeiro, Catálogo da exposição Artistas de Campinas na Galeria das Folhas, 22/08/1959.

5 José Geraldo Vieira, Folha de S. Paulo, 30/08/1959.

sempre filtradas por uma luz imprecisa. E as divisões dessa paisagem, em dispositivos longitudinais e transversos, jamais criam formas que não sejam geométricas.⁶

As críticas de Heinzl e de Vieira acabam se contrapondo à opinião de Cordeiro, afirmando que as obras de Motta Paes têm sim um direcionamento concretista. A principal característica que os leva a essa conclusão é que a pesquisa pictórica de Motta Paes se dá principalmente em torno da construção do espaço e de sua síntese, destacando-se aqui o uso de formas geométricas. Como diz Vieira, o que a interessaria é a “infra-estrutura da matéria”, que tem em si uma carga dramática e que se expressaria através de sua pintura. Na sua crítica de 1959, Heinzl também identifica a intenção da artista como expressionista e com uma tendência concretista que só aparece subjetivamente, mas em 1961 ele afirma que a intenção da artista tem base formal e é apoiada no concretismo, negando qualquer interpretação simbólica.

Waldemar Cordeiro, de dentro do Grupo Ruptura, não poderia afirmar que Motta Paes é concretista, já que o próprio manifesto do grupo se diz contra qualquer tipo de expressionismo e há de fato a possibilidade dessa leitura ser feita a partir das obras de Paes. Nesta contradição, exatamente a palavra que aparece continuamente em suas críticas, Cordeiro é muito mais cauteloso e não utiliza certas expressões que definiriam uma vertente artística:

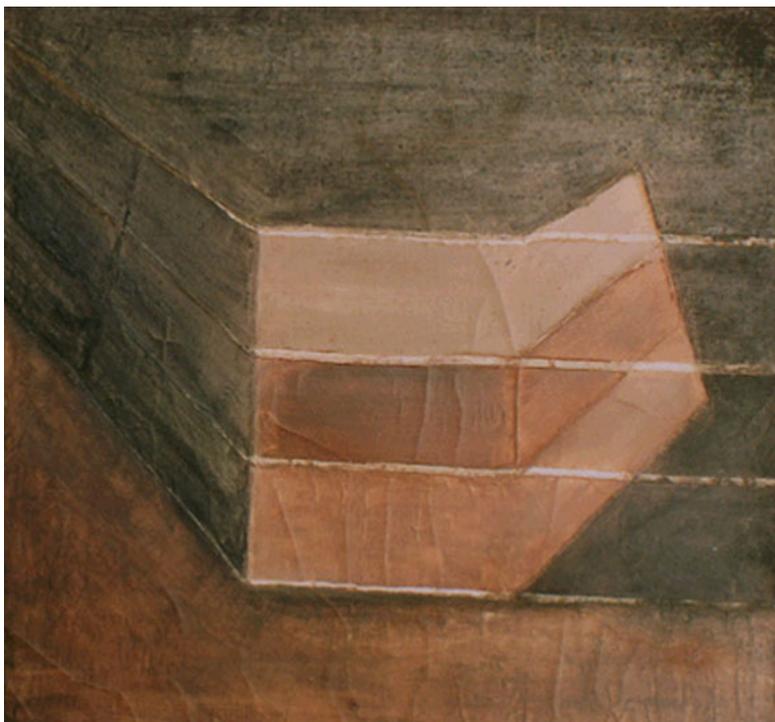
As obras atuais de Maria Helena têm seu significado vinculado a um processo de evolução que indica uma direção rumo à linguagem objetiva, resguardando todos os valores de uma semântica comprometida com a sensibilidade altamente emotiva e romântica da autora. (...) A obra de arte é o produto objetivo da nossa consciência.⁷

Na Figura 4 podemos ver a síntese das formas em superfícies cromáticas, tal qual Heinzl descreve. Há um jogo de perspectiva, de ilusão de espaço criado através da geometria e dos ângulos das formas - bem definidos nesta pintura, ao contrário das primeiras figuras, onde as pinceladas eram mais soltas e a composição mais caótica. Se há certa tendência concretista nos trabalhos de Motta Paes, como era citado nas críticas anteriores, é durante os anos 60 que os motivos dessa afirmação se tornam mais claros. Em um catálogo de uma exposição que aconteceu no Centro de Ciências, Letras e Artes em 1965, Theon Spanudis - um colecionador das décadas de 50 e 60, cuja coleção se encontra hoje no Museu de Arte Contemporânea da USP - diz que Motta Paes entra em uma “fase de maior segurança compositiva em composições densas e rítmicas”⁸. Os títulos de muitas de suas pinturas se tornam abstratos, como Pintura ou Espaço, e passam a ser numerados de acordo com sua produção

6 Alberto Amendola Heinzl, Folha de S. Paulo, 04/02/1961.

7 Waldemar Cordeiro, Catálogo de Exposição Individual na Galeria Aremar, outubro/1960.

8 Theon Spanudis, Catálogo da Exposição Sociedade Amigos da Cinemateca, 3/9/1965.

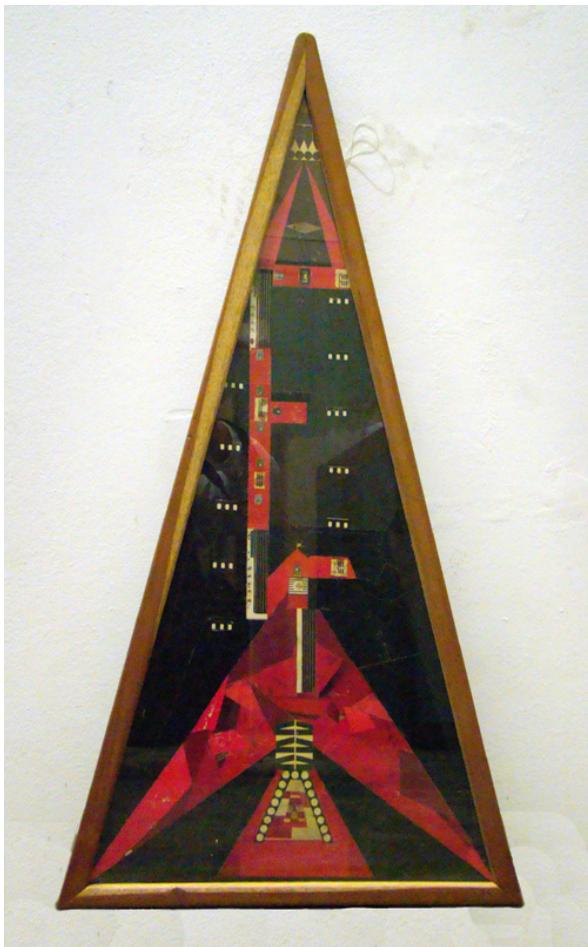


(Fig. 4) Maria Helena Motta Paes
Concreto n°29, 1960, 54x65cm, Óleo sobre tela

Os anos 60 foram o período em que Motta Paes mais participou de salões de arte e exposições, tendo um grande contato com o grupo concretista de São Paulo e expondo fora de Campinas. Além de participar do GV, ela cria o Grupo Hoje em 1961, sobre o qual será relatado mais adiante. Após sua primeira exposição individual na Galeria das Folhas, em 1959, Paes ganha o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea (1960) que incentivava a arte abstrata informal, adquirindo as obras dos vencedores – os concorrentes eram os artistas que haviam exposto no ano anterior na galeria – que então eram doadas a vários museus. Outros artistas campineiros também ganharam esse prêmio, como Geraldo de Souza e Francisco Biojone, junto de artistas como Tomie Ohtake e Maria Leontina.

Ainda em 1960, Paes tem uma mostra individual na Galeria Aremar, dirigida por Raul Porto, que tinha a intenção de impulsionar a vida artística de Campinas e divulgar os trabalhos dos artistas do grupo. Ela expõe uma de suas pinturas no 9º Salão Paulista de Arte Moderna (SPAM), do qual todo o Grupo Vanguarda também participa. Em edições posteriores do SPAM - onde participou de 1960 até 1968 - ela ganha algumas premiações: uma Medalha de Bronze no 11º SPAM (1962), sendo que nesse mesmo ano Geraldo Jürgensen (do GV) ganha o Prêmio Governador do Estado e Tomie Ohtake ganha a Grande Medalha de Ouro, mostrando uma tendência ao abstracionismo informal. Ela ganha ainda uma Medalha de Prata no 13º SPAM (1964).

Durante essa época, Paes participa de todas as exposições do GV em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná e também de várias retrospectivas que aconteceram depois da dissolução do grupo. Em 1965, junto da fundação do Museu de Arte Contemporânea (MACC), foi criado em Campinas o Salão de Arte Contemporânea (SACC), algumas das idéias defendidas pelos artistas desde o começo do GV, mas Motta Paes só participa do salão a partir da 2ª edição, em 1966, sendo uma figura recorrente até 1971, na 7ª edição. No V Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1969), do qual foi também uma das organizadoras, Maria Helena ganha o Prêmio Aquisição e o MACC adquire sua obra Com letras de Sérgio Cardoso (Fig. 5) por NCr\$200,00 (cruzeiros novos).



(Fig. 5) Maria Helena Motta Paes
Com Letras de Sérgio Cardoso, 1969, 75x38cm, Colagem de papel sobre Duratex
Museu de Arte Contemporânea de Campinas

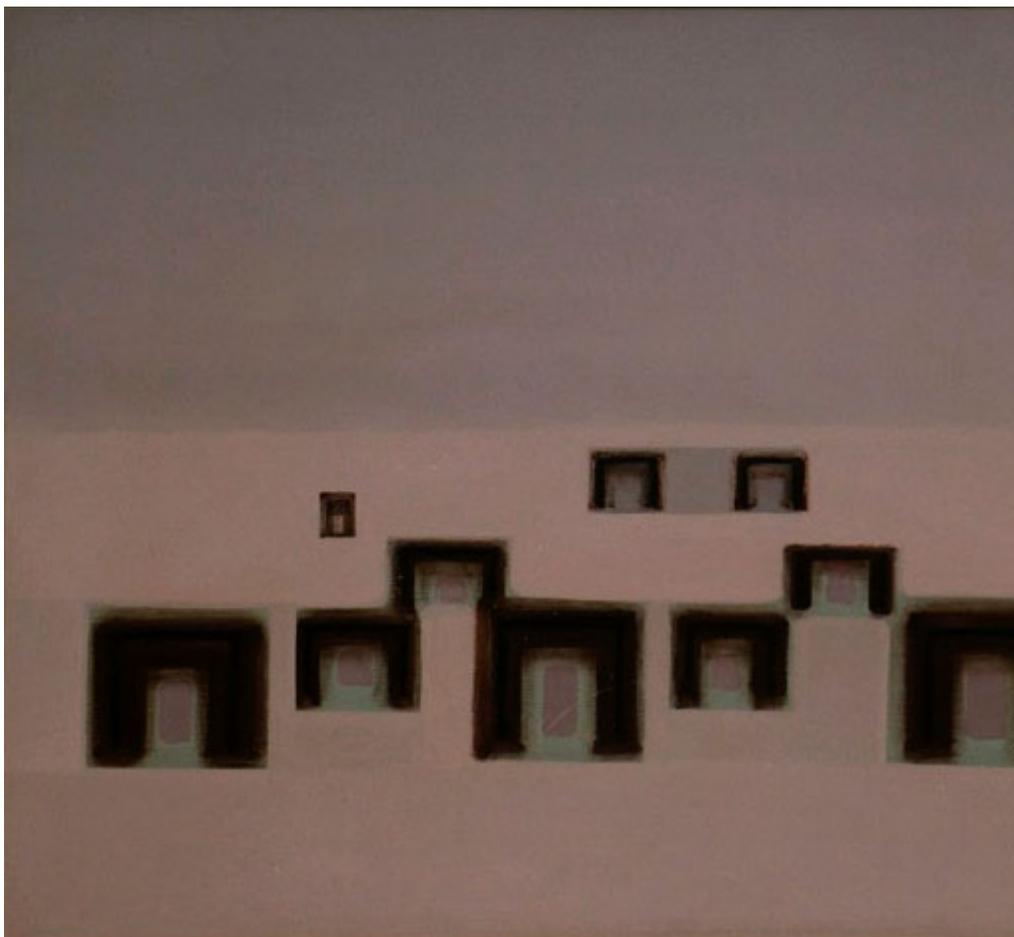
Este trabalho tem algumas características próprias se comparadas a outras pinturas da artista, porém, o que mais se distingue a primeira vista é o formato triangular do suporte, que direciona o olhar através de uma indicação clara de perspectiva. A idéia usual do espaço construído através dos planos de cores está presente, mas esses planos têm um rigor geométrico e de definição das formas que não foi visto em trabalhos anteriores. Mesmo nas obras de alguns anos antes, o limite de áreas não era tão bem definido. Aqui, a cor não atinge matizes muito diversificados, concentrando-se nos tons de preto e vermelho, cores que podem ter uma conotação mais “pura” do que os tons terrosos da Figura 4, por exemplo, principalmente se vistos através das idéias concretistas. Se compararmos esta pintura à Figura 6 (obra de 1966) vemos que as duas são paisagens e que trazem a idéia do espaço, porém, são executadas de forma muito distinta. A ênfase em uma determinada direção é completamente diferente: na Figura 5 é em direção ao infinito, na Figura 6, a pintura é marcada pela horizontalidade. Mesmo que em uma obra a noção de perspectiva seja mais óbvia, essa característica está presente nas duas imagens, sendo que na Figura 6 de forma muito mais sutil, através da diminuição gradual dos elementos, o que dá a impressão de distância na pintura. Até as cores tem uma passagem mais gradual o que vai dissolvendo as formas. Na figura 5, as áreas são formadas por cores chapadas e que não se dissolvem; as formações dos ângulos dão a essa pintura uma impressão muito mais rigorosa.

Nestas imagens também se pode notar uma certa contradição, que já se anunciava nas críticas de Waldemar Cordeiro. Não se pode afirmar que haja figuração, mas ao mesmo tempo não se pode dizer que são pinturas completamente abstratas. Temos a indicação de horizonte, de uma paisagem, mas que, ao mesmo tempo, tem autonomia, pois não pretende ser uma representação. Como Cordeiro diz, “contradição do formal do informal”:

É um objeto que encerra os valores da consciência e essa nunca é inerte como uma coisa, nem sequer quando é ela mesmo objeto da consciência. Somente uma compreensão refinadamente dialética pode apreender o conteúdo dessa contradição consciência objeto, que permite considerar a obra de arte como objeto e também como processo.⁹

Motta Paes continuará pintando paisagens e este será um tema recorrente em toda a sua produção. O tipo de composição que vemos na Figura 6, com ênfase no horizonte e com alguns elementos geométricos, será muito explorado pela artista, sendo retomado a partir dos anos 80 (Figura 8).

⁹ Waldemar Cordeiro, Catálogo de Exposição Individual na Galeria Aremar, outubro/1960.



(Fig. 6) Maria Helena Motta Paes
Obra sem título, 1966, Óleo sobre tela
Galeria de Arte da Unicamp

Além dos Salões regionais, onde Maria Helena ganhou alguns prêmios, ela também participa da VII Bienal Internacional de São Paulo, onde expõe três pinturas a óleo (Pintura 1, Pintura 2 e Pintura 5, todas de 1963) e da IX Bienal Internacional de São Paulo, onde expõe duas pinturas à óleo (Pintura 45 e Pintura 49, as duas de 1967). Com suas pinturas da VII Bienal, é indicada por críticos norte-americanos para participar da Exposição de Artistas Latinos Americanos, que foi apresentada em alguns centros culturais nos Estados Unidos. Ela inscreve-se em outras edições (de 1973 e de 1977), mas não chega a ser selecionada. Em 1970 participa da I Bienal Nacional de São Paulo, também conhecida como Pré-Bienal, expondo uma série de desenhos em nanquim (Espaço 12, Espaço 14, Espaço 16 e Espaço 17) e três pinturas a óleo sobre Duratex (Pintura 3, Pintura 4 e Pintura 5). A mostra também contou com obras de outros artistas campineiros, como Mário Bueno e Geraldo de Souza, que faleceu em 1970 e contou com uma sala especial como homenagem póstuma. Essa I Bienal Nacional funcionou como uma pré-seleção para a XI Bienal Internacional, após a edição anterior ter sido boicotada por muitos artistas brasileiros e estrangeiros, devido às ações de

censura que a Ditadura impôs a outras exposições, incluindo remoção de obras de arte. A seleção para a Bienal Nacional era feita regionalmente e contou com artistas de todos os estados brasileiros, exceto do Maranhão e do Piauí.

Foi neste período que Maria Helena se consolidou com sua produção artística, através de exposições e dos prêmios que ganhou em salões. Sua participação na VII Bienal Internacional de São Paulo, que a levou a expor nos Estados Unidos, mostra que sua produção pode se destacar dentre outras do período, inclusive em grandes centros culturais como São Paulo. Sua preocupação com o desenvolvimento da produção artística em Campinas durante os anos 60 foi muito grande, primeiro através do Grupo Vanguarda, onde sua participação estava mais relacionada a uma produção própria, e como continuação, com o Grupo Hoje, onde participava incentivando a produção de outros artistas, mais do que criando suas próprias obras.

O Grupo Hoje e o incentivo a novos artistas

Motta Paes fundou o Grupo Hoje em 1961, com o objetivo de apoiar e organizar exposições coletivas de jovens artistas em Campinas. Segundo ela, sua idéia era “receber os novos valores de braços abertos”¹⁰. As exposições coletivas não contavam somente com obras de novos artistas campineiros, mas também com trabalhos de velhos integrantes do Grupo Vanguarda, que começavam a se misturar à nova geração, principalmente depois da dissolução do grupo, em 1966. Thomaz Perina, por exemplo, participou de exposições que ocorreram no CCLA em 1973 e em 1974.

Assim como o Grupo Vanguarda, o Grupo Hoje não tinha uma linha definida de trabalho. O grupo era aberto para quem quisesse participar das exposições e embora não houvesse uma crítica ou seleção do que era feito e exposto, os encontros serviam como um espaço para troca de idéias e de avaliações sobre os trabalhos entre todos os participantes. De acordo com depoimento do artista Afrânio Montemurro à autora¹¹, as obras que participavam das mostras eram muito heterogêneas, tanto no quesito da proposta como de execução. Porém, os que realmente estavam interessados e queriam se aprofundar em sua pesquisa continuavam a produzir, enquanto outros logo iam deixando de expor.

No começo, o grupo não tinha um local definido para realizar as mostras e ocupou vários lugares, como o Teatro Carlos Gomes, o Museu de Arte Contemporânea de Campinas e outras galerias. Mas quando Motta Paes se tornou a diretora da Seção de Artes Plásticas do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), direção que durou de 1973 até 1974, ela pôde organizar várias exposições do grupo na então chamada Pequena Galeria, em geral com até quatro participantes por vez. Em março de 1974, ela realizou uma grande exposição do Grupo Hoje e de outros artistas consagrados de Campinas, reunindo artistas plásticos, fotógrafos,

10 Entrevista de Maria Helena Motta Paes (Anexo 3).

11 Entrevista concedida à autora em 28/05/2011.

escritores, atores e músicos, dentre eles vários integrantes do Vanguarda. Seu intuito não era apoiar somente novos artistas plásticos, mas pessoas envolvidas em vários segmentos de arte. Além das informações como data e local, o catálogo só contém os nomes dos participantes, sem nenhuma imagem ou informação das obras que foram expostas, não sendo possível analisar de forma precisa o caráter da exposição:

Curadoria: Maria Helena Motta Paes.

Artes Plásticas: Afrânio Affonso Montemurro, Alcindo Moreira Filho, Antônio Brunoro Neto, Beá Vinicius da Sila, Bernardo Caro, Caio César Felgar, Clodomiro Lucas, Egas Francisco, Enéas Dedecca, Edmilson Goulart, Fernando José Gimenez, Francisco Biojone, Frank Saboya, Geraldo Jürgensen, Gilda Campelo, Hyrtes Guaraldo, J. Toledo, João Batista Demattê, João José Santana. José Mauro Padovani, José Teixeira Bozza, Jussara Maria Vincoletto, Lélío Coluccini, Lourdes Consulín, Lúcia Helena Souto Martini, Marco Antônio Cúrcio, Maria Aparecida Bueno de Mello, Maria Cristina Moraes de Toledo, Maria Esmeralda Soares Payão Dematê, Maria Helena Motta Paes, Maria Inês Selmi, Maria Sílvia de Barros Martini, Mário Bueno, Mário Levy, Mário de Oliveira, Moretti Bueno, Nilton Vieira, Paulo Sérgio Calvi, Paulo de Tarso Cheida Sans, Pedro Paulo D'Abruzzo, Orlando Lodi, Raul Porto, Regina Leopardi Gonçalves, Reinaldo Bianchi Neto, Riolando Perina, Vera Bonnemasou, Walkiria Darzan, Wânia Lucy Bertinatto.

Cinema: Claudinê Perina.

Fotografia: Aloyssio Carvalho de Moraes, Augusto César Ramasco Pessoa, Gilberto Biasi, Henrique de Oliveira Júnior, Renato Ramalho.

Música: Antônio Ciochi Filho.

Poesia: Conceição Toledo, Elder Edson Rodney Sacchi, João José Santana, Karolina, Luis Osório Tibiriçá Barros, Maria Genny Baptista, Wilma Cheida Sans.

Teatro: Grupoeusó Artes.¹²

Durante os anos 70, o CCLA funcionou como um centro agregador, promovendo exposições e exibições de filmes no Clube da Cinemateca. Segundo Dayz Peixoto, o Grupo Hoje e o CCLA serviram como um ponto de resistência em prol da continuidade da produção artística da cidade. Não era exatamente um movimento, mas agrupava e impulsionava a criação:

O Grupo Hoje não chegou a ser um movimento. Mas, sem dúvida, uma trincheira cuja ação-guerrilha se instalava quase sempre nos espaços do CCLA. Os tempos políticos eram difíceis, mas a arte fluía. Maria Helena Motta Paes unia todo esse coletivo, que caminhava rumo ao sonho artístico e à cruel realidade de mudanças culturais e políticas do país.¹³

12 Convite de Exposição do Grupo Hoje no CCLA (Anexo 1).

13 Dayz Peixoto Fonseca, Catálogo da Exposição Amazônia no Museu de Arte Contemporânea de Campinas, 2004.

Em um depoimento concedido a Dayz Peixoto pela própria Maria Helena, ela fala sobre o CCLA e do trabalho que lá executou:

Durante minha permanência no CCLA como diretora de artes, tendo como assessora insubstituível a Norma Piason, procurei o melhor da Arte da cidade, em todos os setores, inclusive expoentes de S. Paulo e Rio, como foi a exposição do MAC-SP, cedida pelo seu grande diretor Walter Zanini, a exposição de Maria Leontina e Geraldo Jürgensen, um marco de nossa Galeria, e tantos outros grandes momentos inovadores, como foi a Primeira Exposição somente slides do Grupo Hoje e o entrelaçamento de artes plásticas, música, teatro, poesia, fotografia e cinema, uma constante nas Exposições do Grupo Hoje que deixou marcas nessa grande Casa de Cultura que é o Centro de Ciências, Letras e Artes.¹⁴

Além das exposições no CCLA, o grupo também promovia aulas no Atelier São Judas Tadeu, onde Maria Helena era professora. Seu método de ensino era baseado em incentivo aos alunos e orientação em relação a dúvidas, sem tentar influenciar ou corrigir o que era produzido.¹⁵

Depois dessa época em que participou ativamente e incentivava a produção artística da cidade, Motta Paes viaja para a Amazônia logo no fim dos anos 70 e começa uma série de obras também intituladas Amazônia. Aqui está presente novamente a paisagem como um interesse principal e que vai se manter até suas últimas pinturas:

“Eu quis viver a Amazônia dentro da minha pintura. Não tentei retratá-la, mas transpor seu estado plástico”. (...) A arte de Maria Helena, a princípio abstrata, se transformou em concreta, ganhando uma nova linguagem.¹⁶

Nesta obra de 2004 (Fig. 7), somem as figuras geométricas e o espaço – o rio – se dissolve através das pinceladas. Podemos ver a linha do horizonte dividindo os planos, mas céu e água se fundem através das cores. Se compararmos essa obra com a Figura 6 ou com obras dos anos 80 com a mesma temática (Fig. 8), vemos que a noção de espaço se dá de forma muito sutil, agora sem a gradação de tamanho das formas geométricas, que indicariam uma localização no espaço. A profundidade é criada a partir da mudança das cores e do movimento das manchas, que aqui ainda indicam a linha do horizonte como elemento principal da paisagem.

14 Ibidem.

15 Sílvia Basilio de Matos, *Ensino de Artes Plásticas em Campinas*. Campinas, 1988.

16 *Amazônia*, tema inesgotado em 12 anos de pintura, *Correio Popular*, 06/10/1989.



(Fig. 7) Maria Helena Motta Paes
Amazônia, 2004, 90x70cm, Óleo sobre tela

Em um depoimento para o Projeto Vanguarda do MIS Campinas, de 1981, Maria Helena fala sobre a trajetória de sua pintura, as transformações que ocorreram e das idéias que permeavam sua produção:

Minha problemática sempre foi o espaço.

De 1970 a 1977 o espaço se tornou metafísico e a paisagem se dividia em planos céu, mar e terra.

Meu objetivo era a forma como espaço e neste espaço a vivência metafísica com suas linhas do horizonte, seus mares, suas terras e seu infinito. O concretismo levou-me à construção de minha linguagem espacial-metafísica.

Em 1977 o espaço metafísico se transforma em espaço-terra.

Em 1981, a linha do horizonte é horizonte e o infinito é hoje.

Espaço-terra, espaço amazônico, espaço verde e amarelo.

Problemática amazônica, onde a “matéria densa sulcada por linhas vetores de uma construção espacial” como dizia Valdemar Cordeiro, estivesse agora corporalizada no espaço-terra, pressentido e achado no espaço amazônico, com a mesma significação espacial.¹⁷

17 Dayz Peixoto Fonseca, Catálogo da Exposição Amazônia no Museu de Arte Contemporânea de Campinas, 2004.

As pinturas de Motta Paes podem ser vistas como um conjunto homogêneo, mesmo levando em conta a diferença de tempo em que foram produzidas. Partindo de um pequeno período de aprendizado, o seu objetivo de pesquisa pictórica passa a ficar evidente: o espaço. Mesmo seguindo certo esquema definido, suas paisagens vão se modificando ao longo do tempo e mostram quantas possibilidades podem existir em volta de uma mesma idéia. Elas servem como um modo de intensificar seu objetivo e se fechar para a dispersão que um tema tão abrangente, como a cor e o espaço, podem trazer.



(Fig. 8) Maria Helena Motta Paes
Espaço, 1988, Óleo sobre tela
Pinacoteca do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas

Em 2004, Maria Helena sofre uma queda e tem uma costela quebrada que perfura seu pulmão. Em entrevista à autora¹⁸, Silvia Matos diz que mesmo proibida pelo médico e não divulgando às pessoas sua condição de saúde, Maria Helena vai à abertura de uma mostra no MACC, em 2004, com obras da sua série Amazônia. Na ocasião dessa exposição, Dayz Peixoto Fonseca publica um texto no catálogo

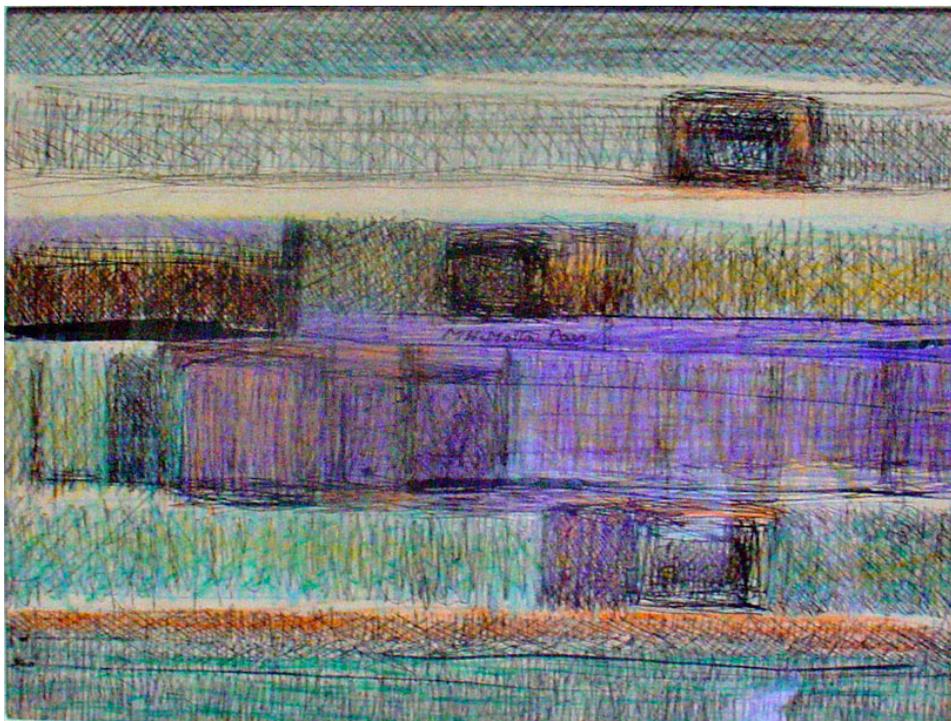
18 Entrevista concedida à autora em 16/08/2011.

com um depoimento de Motta Paes sobre o Grupo Hoje:

Informalmente, solicitei a Maria Helena que me contasse um pouco da história do Grupo Hoje, como se o mesmo tivesse encerrado suas atividades. E ela rechaçou: 'Mas o Grupo Hoje ainda existe! Estamos sempre fazendo alguma nova exposição com novos artistas. Em galerias de lojas, em residências, enfim, o Grupo está vivo!'

Nessa afirmativa, ela dava uma demonstração que é realmente uma pessoa surpreendente. Não importa onde, nem como, o que importa é a arte viva. Nos seus quase 50 anos de vivência artística, seu entusiasmo persiste. Além de continuar explorando nas telas o espaço físico e/ou metafísico e/ou cor, ainda preserva o modo de compartilhar sua alegria de viver a arte, principalmente com aqueles que se iniciam nesse universo fascinante de novas linguagens.¹⁹

Ela morre em 8 de janeiro de 2005 devido a complicações da queda. Em outubro do mesmo ano é organizada uma exposição póstuma no CCLA. Ela ainda tem obras exibidas na Galeria Berenice Arvani em uma exposição em 2009 focada na arte produzida durante os anos 50. Em 2010, seu trabalho é revisto no Centro de Convenções da Unicamp, onde foram apresentados alguns desenhos inéditos, feitos com nanquim e lápis de cor, encontrados na casa de sua irmã pelo artista Afrânio Montemurro (Fig. 9).



(Fig. 9) Maria Helena Motta Paes
Sem título. (s/d), Nanquim e lápis de cor
19 Ibidem.

Acervo de Lalau Mayrink

É principalmente através dos depoimentos sobre Maria Helena, que podemos ver sua verdadeira influência nos artistas que se formavam a partir dos anos 60 ou mesmo que tiveram contato com a artista posteriormente. Ela é lembrada como uma pessoa comunicativa e que incentivava todo tipo de arte, tendo também produzido continuamente suas próprias obras, não tendo parado mesmo quando doente. É talvez através da sua atuação no Grupo Hoje, que a produção de arte em Campinas pôde ter um caminho para se firmar, não ficando confinada ao Grupo Vanguarda e abrindo um espaço para novos artistas e a “nova arte”, que sendo também o propósito do GV, passa para o Grupo Hoje de uma forma atualizada e mais abrangente. Essa sua atuação se destaca principalmente por acontecer em uma época e em uma cidade onde se tentava fundar um museu (hoje o MACC) e um salão de arte (o extinto SACC) que correspondessem e incentivassem a arte de vanguarda e a produção cultural. Mesmo participando de salões e de exposições em espaços institucionalizados, o que Maria Helena defendia sobre a Arte era de que essa deveria ser livre e de que cada artista deveria seguir suas próprias ideias: “Essencialmente o artista deve ser ele mesmo, antes e a despeito de qualquer reflexo, qualquer motivo, qualquer crítica. Ele tem que ser antes de tudo um forte”²⁰.

20 Sílvia Basilio de Matos, Ensino de Artes Plásticas em Campinas. Campinas, 1988.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Paulo Sérgio. O Caracol e o Caramujo: Artistas & Cia na cidade. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 1994.

CAMPOS, Crispim Antonio. Um olhar sobre o Grupo Vanguarda; uma trajetória de luta, paixão e trabalho. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Unicamp, 1997.

MATOS, Sílvia Basilio de. Ensino de Artes Plásticas em Campinas. Campinas, 1988.

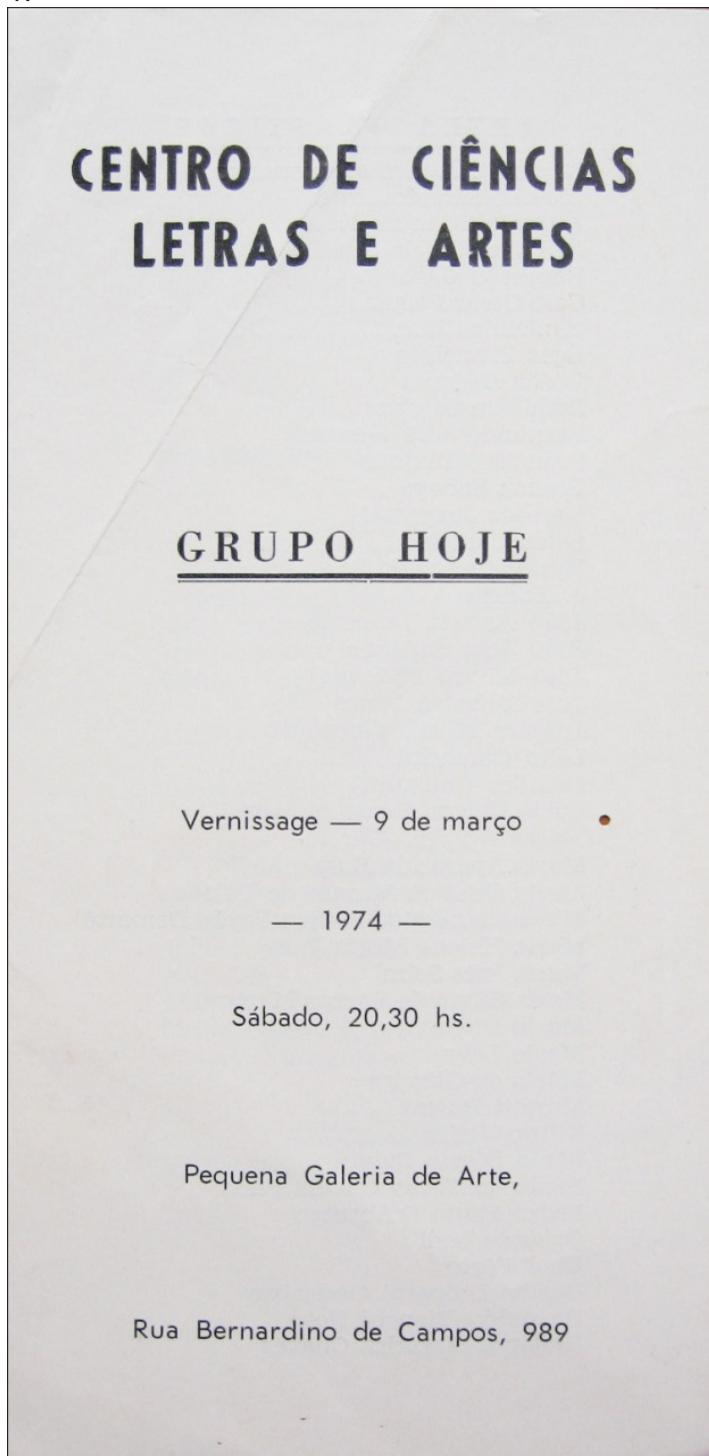
PEIXOTO, Dayz e SILVA, José Armando Pereira da. Thomaz Perina – Pintura e Poética, Campinas, 2005.

SILVA, José Armando Pereira da. Província e Vanguarda: apontamentos e memória de influências culturais, 1954-1964. Santo André: Fundo de Cultura do Município, 2000.

ZAGO, Renata Cristina de Oliveira Maia. Os salões de arte contemporânea de Campinas. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes, Unicamp, 2007.

Anexos

1.



Capa de catálogo de exposição do Grupo Hoje no CCLA (1974)

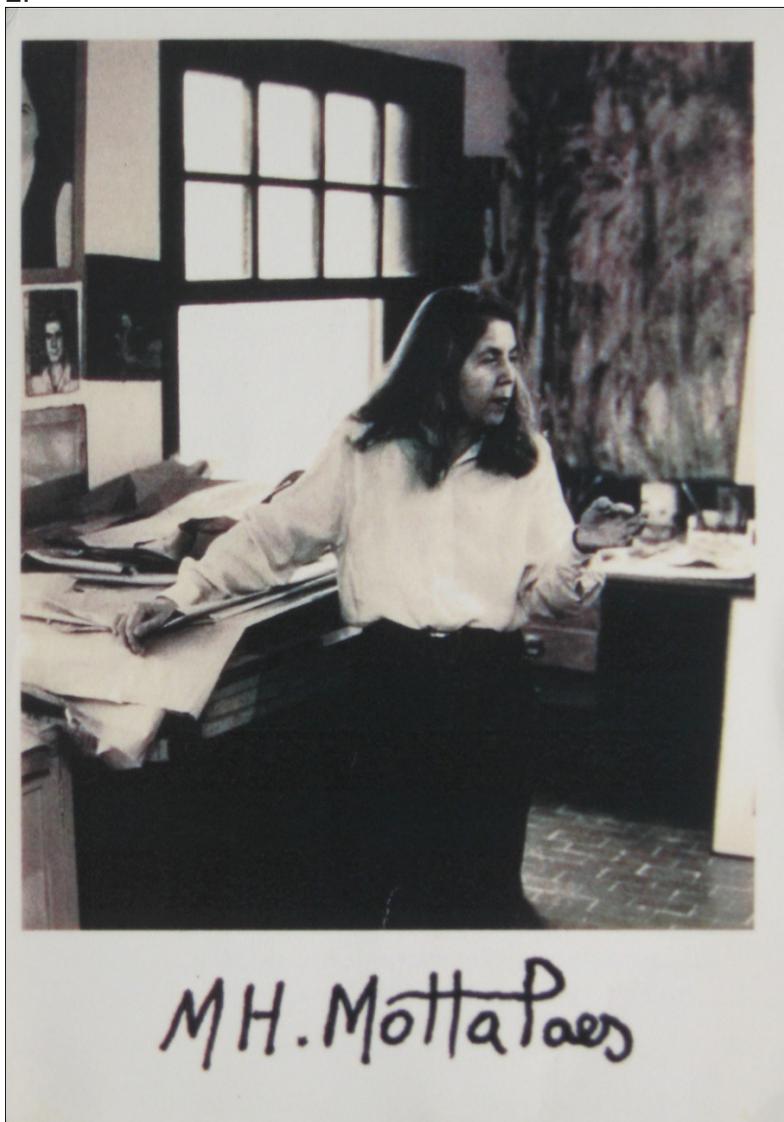
ARTES PLÁSTICAS

Afranio Affonso Montemurro
Alcindo Moreira Filho
Antonio Brunoro Neto
Beá Vinicius da Silva
Bernardo Caro
Caio Cesar Felgar
Clodomiro Lucas
Egas Francisco
Enéas Dedecca
Edmilson Goulart
Fernando José Gimenez
Francisco Biojone
Franck Saboya
Geraldo Jurgensen
Gilda Campelo
Hyrtes Guaraldo
J. Toledo
João Batista Demattê
João José Santana
José Mauro Padovani
José Teixeira Bozza
Jussara Maria Vincoletto
Lélio Coluccini
Lourdes Consulin
• Lúcia Helena Souto Martini
Marco Antonio Cúrcio
Maria Aparecida Bueno Mello
Maria Cristina Moraes de Toledo
Maria Esmeralda Soares Payão Demattê
Maria Helena Motta Paes
Maria Inês Selmi
Maria Silvia de Barros Martini
Mário Bueno
Mário Levy
Mário de Oliveira
Moretti Bueno
Nilton Vieira
Paulo Sérgio Calvi
Paulo de Tarso Cheida Sans
Pedro Paulo D'Abruzzo
Orlando Lodi
Raul Pôrto
Regina Leopardi Gonçalves
Reynaldo Bianchi Neto
Riolando Teixeira Chaves

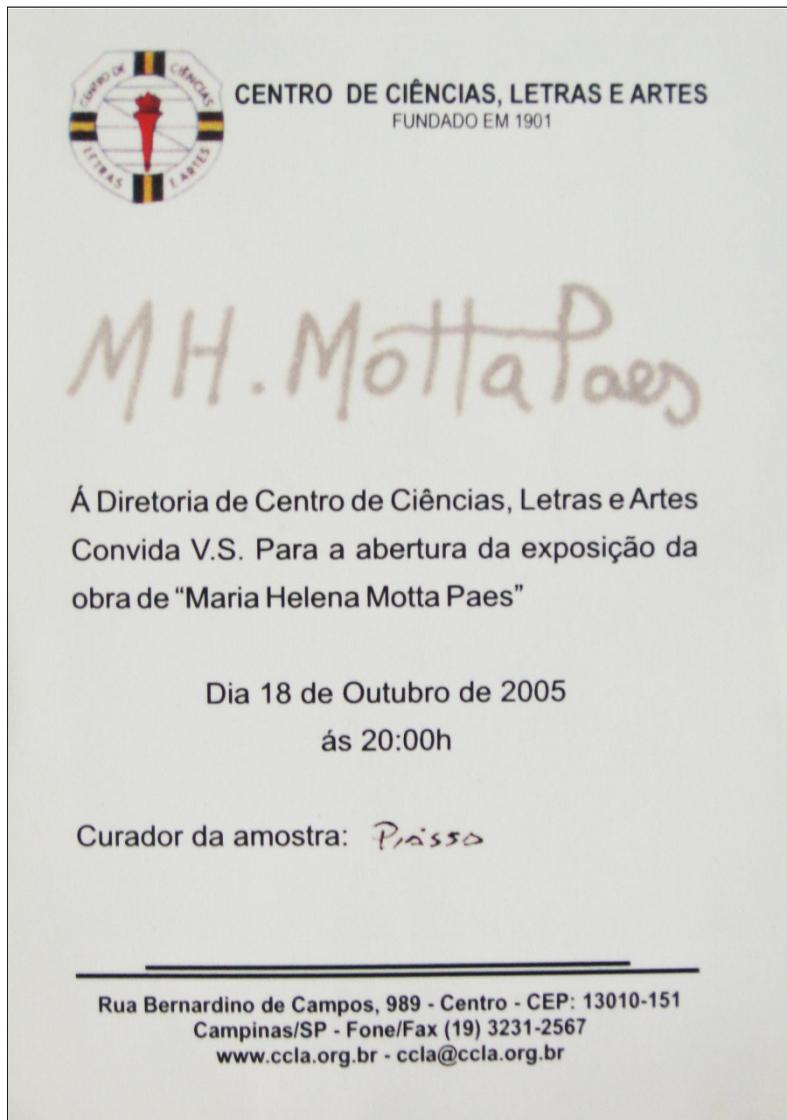


Interior de catálogo de exposição do Grupo Hoje no CCLA (1974)

2.

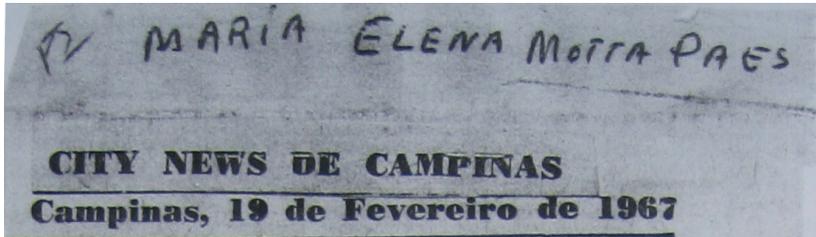


Capa do convite da exposição no CCLA (2005)



Contracapa do convite da exposição no CCLA (2005)

3.



ARTES PLÁSTICAS

Clodomiro Lucas



Esta é a pintora Maria Elena Motta Paes foi ela que iniciou os primeiros movimentos de artes contemporânea em Campinas ela é inteligente e de uma cultura completa.

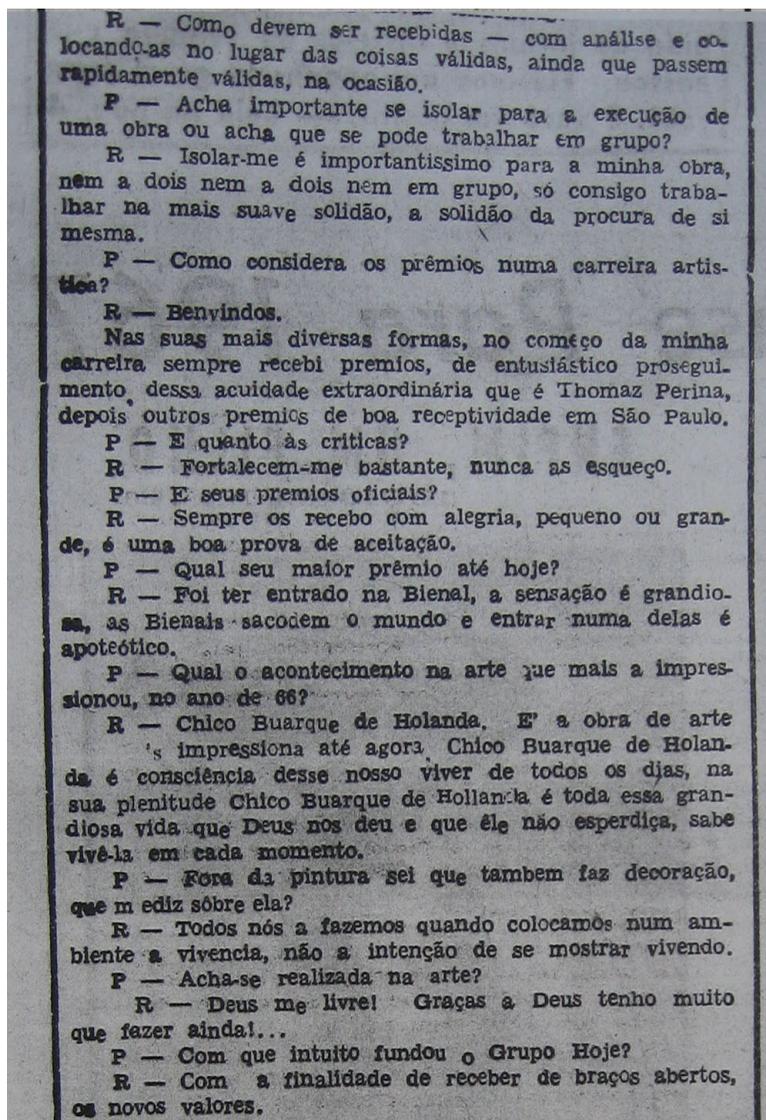
P — Qual o seu objetivo na arte?

R — O indivíduo universal.

P — Sua pintura tem sido bem recebida? pela crítica?

R — Sempre além da minha expectativa, o que muito me emociona.

P — Como recebe as novas tendências?



Entrevista com Maria Helena Motta Paes (1967)